

A (RE)CONSTRUÇÃO POÉTICA DE MOÇAMBIQUE EM A VARANDA DO FRANGIPANI DE MIA COUTO

Elenice Maria NERY (Universidade Federal do Piauí)

RESUMO: este trabalho pretende analisar, no romance *A Varanda do frangipani*, de Mia Couto, as marcas identitárias da nação moçambicana. Neste sentido, utilizam-se as metáforas e as simbologias, usadas pelo autor, no intuito de compreender como ocorre a (re)construção da identidade nacional de um país que tem na memória dos velhos de um asilo o seu referencial e que luta para manter a tradição guardada pela fortaleza que os abriga. Acompanhando a investigação do inspetor Izidine Naíta, depara-se com um país marcado pela dualidade entre o novo e o ancestral. Assim, vinte anos após a independência, tem-se um retrato, pintado por Couto, de uma Nação onde se convergem memórias, heranças e tradições.

PALAVRAS-CHAVE: Moçambique. Tradição. Modernidade. Identidade. Reconstrução.

1 Introdução

A proposta de falar em uma reconstrução poética de Moçambique surgiu a partir do título do livro ora analisado – *A varanda do frangipani* – no qual o moçambicano Mia Couto retrata a situação do país vinte anos depois da independência. O carpinteiro Ermelindo Mucanga, que narra a ação, volta a terra no corpo de um inspetor de polícia, contratado para investigar a morte do diretor de um asilo. Ao chegarem à Fortaleza de São Nicolau (local construído para abrigar os velhos, durante a guerra) mais de vinte anos depois de arrefecida a guerra civil, encontram um lugar em que se agrupam memórias, heranças e contradições de um país novo e ao mesmo tempo profundamente ligado às tradições e aos mitos ancestrais.

Essas tradições, que supostamente estariam morrendo, são representadas e defendidas no romance pela figura dos velhos do asilo. Estes são os verdadeiros guardiões das memórias de um povo dividido e marcado pela devastação da guerra civil e pela morte da história. Segundo Mia Couto, em entrevista concedida à revista *Discutindo Literatura* (ano 3, nº 16), há uma mistura de tradição e inovação no país. Questionado sobre se, de fato, a tradição estaria morrendo, ele diz que não, explicando que essa mistura do velho e do novo é que faz a dinâmica do país e ainda que a tradição também tem um papel transformador; o problema estaria no ritmo em que essa transformação acontece – o que dificulta seu entendimento porque as pessoas não podem interferir nele.

A história de Moçambique, retratada nas obras literárias, tem uma verossimilhança muito acentuada. Considerando, por exemplo, o retrato atual do país em termos históricos e sua evolução e fazendo uma comparação ao delimitado pelos autores interessados nessa literatura, percebe-se que cada autor tenta, a seu modo, desempenhar o papel de reconstrutor da identidade do país. Mia Couto consegue, na *Varanda*, demarcar esse território fronteiro entre a literatura e a história, tão debatido entre historiadores, literatos e estudiosos do tema história/ficção.

Rita Chaves (2005)¹ reuniu vários textos em um livro intitulado *Angola e Moçambique: experiência colonial e territórios literários*, no qual aborda aspectos relacionados ao oriente e ao ocidente africanos. Benjamim Abdala Júnior (2005), em nota introdutória do livro de Chaves, aponta que o “processo de demarcações de fronteiras, que, desenhadas desde a experiência colonial, ultrapassam o espaço previsível de cartografias fixas”. Chaves (2005, p. 212), discorrendo sobre a relevância do papel da Ilha – tema do debate que originou o texto *A ilha de Moçambique: entre as palavras e o silêncio* – assegura que essa importância “na trajetória da literatura em língua portuguesa e, em especial, no itinerário da poesia moçambicana está refletida na quantidade e na qualidade dos poetas que sobre ela lançaram sua sensibilidade e seu talento”; tal qual a poesia, a prosa também desempenha esse papel, como se percebe nas obras de Mia Couto, nas quais os olhares sensíveis lançados pelo escritor dão ao país um caráter inovador e ao mesmo tempo tradicional. A partir de sua escrita poética, Mia reconstrói Moçambique dando voz aos moradores do asilo – verdadeiros guardiões das tradições de um povo marcado pela necessidade de reconstruir sua identidade. Assim, percebe-se que a narrativa estabelece uma fronteira entre a violência do colonialismo e a luta pela sobrevivência das antigas tradições. Misturando ficção, humor e mitos, o autor consegue, através de metáforas e simbologias, representar essa dualidade.

2 A varanda da ‘nação’ frangipani

Ao menos a árvore [...] tem alma eterna: a própria terra. A gente toca o tronco e sente o sangue da terra circulando em nossas íntimas veia.

Mia Couto

Dentre alguns conceitos-chave da teoria pós-colonial, de Tomas Bonnici (2005, p. 60), encontra-se o de varanda, como sendo a representação da “ambivalência da exterioridade cultural ou do ancestral: é a divisa entre a casa e o exterior”. Tentando entender a importância da varanda no romance em análise, nos reportaremos a Malouf, (*apud* BONNICI, 2005, p. 60): “As varandas são terras de ninguém, zonas de fronteiras, que, por um lado, mantém contato com a casa e suas atividades, e, por outro, estão abertas para a rua e as vastas áreas desconhecidas”.

É através da varanda da fortaleza que os moradores do asilo rememoram suas histórias e seus mitos ancestrais. A varanda, segundo Bonnici também representa

[...] a metáfora entre a proteção [...] e o desconhecido [...] que caracteriza o discurso pós-colonial. Ademais, como a varanda é uma zona de contacto, ela é também a metonímia da transculturação onde o nativo e o estrangeiro se encontram. O espaço interior e o espaço exterior interagem e se influenciam: portanto, é o lugar onde um transforma o outro. É um lugar perigoso onde a transculturação acontece (BONNICI, 2005, p. 60).

¹ Professora de Literaturas Africanas de Língua Portuguesa na Universidade de São Paulo. Pesquisadora associada do Centro de Estudos Afro-Asiáticos, da Universidade Cândido Mendes (RJ).

Neste sentido, entende-se a preocupação dos moradores do asilo em proteger sua casa do desconhecido Izidine Naíta. No início, os moradores mostravam-se desconfiados das intenções do inspetor, que representava uma ameaça à paz local, já tão desacreditada. Proteger a fortaleza significava proteger a própria identidade, pois a varanda representava para os velhos de São Nicolau a própria nação: “[...] o Moçambique que amei está morrendo. Nunca mais voltará. Resta-me só este espaçozito em que me sombreio de mar. *Minha nação é uma varanda*” (COUTO, 2007, p. 47, grifo nosso). E qualquer ameaça ao menor espaço da varanda era uma ameaça a toda uma história: “O senhor inspetor me pede agora lembranças de curto alcance. Se quer saber, lhe conto. Tudo sempre se passou aqui, nesta varanda, por baixo desta árvore, a árvore do frangipani [...]” (COUTO, 2007, p. 45).

Para melhor entendimento da metáfora da *nação frangipani*, recortaremos um trecho da obra em que Ermelindo Mucanga, o “xipoco”², assim nos explica a história da árvore:

A árvore do frangipani ocupa uma varanda de uma fortaleza colonial. Aquela varanda já assistiu a muita história. Por aquele terraço escoaram escravos, marfins e panos. Naquela pedra deflagraram canhões lusitanos sobre navios holandeses. Nos fins do tempo colonial, se entendeu construir uma prisão para encerrar os revolucionários que combatiam contra os portugueses. Depois da Independência ali se improvisou um asilo para velhos. Com os terceiro-idosos, o lugar definhou. Veio a guerra, abrindo pastos para mortes. Mas os tiros ficaram longe do forte. Terminada a guerra, o asilo restava como herança de ninguém. Ali se descoloriam os tempos, tudo engomado a silêncios e ausências (COUTO, 2007, p. 11).

Como se percebe, pelo trecho, frangipani é uma árvore resistente; inclusive, pode manter-se em flor durante todo o ano (on line)³. Assim são os moradores do asilo. Mesmo tendo acompanhado a destruição do país, por causa da guerra, ainda mantém viva a sua tradição e seus costumes como forma de preservação da identidade e encontram na árvore frangipani uma companheira para os dias de solidão, de lembranças e de nostalgias.

Quando vim para África, deixei de sentir o outono. Era como se o tempo não andasse, como se fosse sempre a mesma estação. Só o frangipani me devolvia esse sentimento de passar o tempo. Não que eu hoje precise de sentir nenhuma passagem dos dias. Mas o perfume desta varanda me cura nostalgias dos tempos que vivi em Moçambique. E que tempos foram aqueles! (COUTO, p. 45-6)

² Fantasma; segundo o narrador, “almas que vagueiam de paradeiro em desaparecido”.

³ Disponível em <http://dias-com-arvores.blogspot.com/2005/10/frangipani.html>, aceso em 21/01/10, às 15:50.

Infer-se, pela fala do português – um dos moradores do asilo – a importância da árvore para velhos, da mesma forma que é perceptível a relação destas pessoas com a árvore e a relação desta com a nação. Ania Loomba (1998, p. 207), discorrendo sobre a relação entre a literatura pós-colonial e a nação, diz que “[...] the ‘nation’ itself is a ground of dispute and debat, a site for the competing imaginings of different ideological and political interest”⁴. Entendendo nação como esta disputa de interesses ideológicos e políticos, verificamos a relevância dada à figura da árvore. Tudo sempre se passara ali, debaixo do frangipani, inclusive a investigação de Izidine. Com isso, a disputa entre o estrangeiro e os moradores do asilo passava a ser, além de ideológica e política, identitária. Bhabha, (apud TUTIKIANI, 2006, p. 67) diz que “[...] identidade tem por trás de si uma forte marca de resistência, e essa resistência é de ordem cultural marcando a diferença que carrega consigo uma realidade lingüística, histórica e simbólica”.

A *nação frangipani* pode aqui ser entendida, através da resistência dos velhos do asilo, como sendo a representação de um povo que a tudo assiste, mas sem a resignação de quem se entrega ou abandona sua tradição e seu valor. “[...] Ao menos a árvore, dizia ele, tem alma eterna: a própria terra” (COUTO, 2007, p. 65). Com a chegada do estrangeiro, começa um verdadeiro combate interior; o asilo luta para manter-se fiel à nação e o estrangeiro passa a lutar contra si próprio, no sentido de entender a sua “falta de inteireza” (HALL, 2003) e sua necessidade de reconstrução identitária. Tal necessidade se firma porque a identidade não é algo inato, mas construído ao longo do tempo, através de processos inconscientes (idem, p. 38).

A varanda também representa a casa, tão bem explorada por Mia Couto em seus romances. “A casa nos romances de Mia Couto tanto pode ser entendida como metonímia da nação moçambicana quanto problematizar essa mesma relação” (CURY, 2008, p. 98). O asilo abrigava, além dos moçambicanos, um português e essa relação tão bem vivida demonstra resquícios da luta entre colonizador e colonizado, como se percebe no trecho:

- *Eh pá, já viu, Mourão? Lutámos, nós!*
- *Foi bom, lhe dei um soco mesmo em plenas fuças.*
- *Porra, até parecia Frelimo contra Colonialismo.*
- *Nós brancos, sempre ganhámos. Durante quinhentos anos vencemos sempre. Nós é que tínhamos as armas* (COUTO, 2007, p. 65, grifo do autor)

Ou ainda:

- *Você sempre quer mandar em mim. Sabe uma coisa: colonialismo já fechou!*
- *Não quero mandar em ninguém...*
- *Como não quer? Eu nos brancos não confio. Branco é como camaleão, nunca desenrola todo o rabo...*
- *E vocês, pretos, vocês falam mal dos brancos mas a única coisa que querem é ser como eles...*
- *Os brancos são como piripiri: a gente sabe que comeu porque nos fica a arder a garganta.*

⁴ [...] a nação em si é motivo de controvérsia e debate, um local para imaginações concorrentes de diferentes interesses ideológicos e políticos (tradução livre nossa).

- *A diferença entre mim e você é que, a mim, ficam cabelos no pente enquanto a você fica pente nos cabelos.* (COUTO, 2007, p. 62, grifo do autor)

De acordo com Fanon (*apud* BHABHA, 1998, p. 70), “O negro não é. Nem tampouco o branco” e que cada um é escravo do próprio mito. Sendo assim, percebe-se, pelo exposto acima, que, mesmo em uma relação pacífica de convivência, o mito do colonizador ainda está enraizado. Ainda neste sentido o trecho corrobora com as palavras de Fanon (*apud* BHABHA, 1998, p. 99) quando este se reporta a prisão do colonizador à “ambivalência da identificação paranóica”. Segundo ele, “ao ordenar ‘Vire branco ou desapareça’ – o colonizador fica também preso na ambivalência da identificação paranóica, alternando entre fantasias de megalomania e perseguição”, como se percebe na passagem anteriormente citada. É como se houvesse uma necessidade de autoafirmação por parte do colonizador. Bonnici (2005, p. 21) diz que esse relacionamento entre as duas classes – colonizador e colonizado – “ficou mais complexo e intrincado, envolvendo intercâmbio de recursos materiais e humanos trocados entre ambos. Conseqüentemente, essa colonização devastou a cultura, às vezes, milenar de muitos povos, a qual foi substituída por uma cultura eurocêntrica e cristã”. Neste sentido, o que se percebe na *Varanda do frangipani* é que houve uma tentativa da devastação cultural, mas com a proteção dada a árvore-símbolo pelos moradores e com sua reconstituição através da morte do fantasma e ainda pela reaproximação do inspetor da sua cultura, com o seu reconhecimento diante da tradição do seu povo, a memória da tradição permaneceu intacta.

3 Um homem e seus muitos lugares: o redescobrir de Izidine Naíta

Nós nada descobrimos. As coisas, sim, se revelam

Mia Couto

O inspetor Izidine Naíta foi chamado à Fortaleza de São Gonçalo para investigar o assassinato do diretor do asilo. Em companhia da enfermeira Marta e do fantasma que habita seu corpo, passa a ouvir cada um dos moradores, na tentativa de desvendar o tal mistério. No entanto, esse contato com a nova realidade da fortaleza faz com que ele seja obrigado a reaprender a ouvir e a redescobrir sua identidade. Ele é o que Cury (2008) chamou de ‘retornado’. O inspetor, “saído de Moçambique para estudar fora, perdeu o contato com a cultura local, com as pequenas comunidades de sua terra” (CURY, p. 86).

De acordo com Kobena Mercer, (*apud* HALL, 1998, p. 8), a identidade só passa a ser uma questão quando ela é posta em choque, “[...] quando está em crise, quando algo que se supõe como fixo, coerente e estável é deslocado pela experiência da dúvida e da incerteza”. Hall (1998, p. 39) aponta que o ser humano não tem identidade fixa e que “continuamos buscando a ‘identidade’”. Izidine, ao entrar em contato com os moradores do asilo, começa a perceber uma crise que ele precisa resolver. Sua condição de homem branco, estudado, entra em choque com a tradição que ele precisa redescobrir; além disso, precisa entender que só desvendará o mistério se reaprender a ouvir. Assim, vai, aos poucos, juntando as pistas que lhes são apresentadas e, embora

contraditórias, elas apontam sempre para a mesma direção, o mesmo culpado, como alerta a enfermeira Marta.

O senhor não sabe mas eles o odeiam. Você estudou em terra dos brancos, tem habilidades de enfrentar as manias desta nova vida que nos chegou depois da guerra. Esse mundo que está chegando é o seu mundo, você sabe pisar na lama sem sujar o pé (COUTO, 2007, p. 134-5, grifo do autor).

Desvendar o mistério da morte do diretor tornava-se, para o inspetor, cada vez mais difícil. Mas o verdadeiro enigma que ele precisava decifrar era sobre si próprio e sua tradição, sua cultura e seu povo. Sentindo-se deslocado, Naíta tentava arrancar confissões que lhes fizessem encontrar uma pista sobre o assassinato, mas quanto mais a investigação avançava maior era a crise que se firmava sobre sua identidade. Mía Couto deixa claro essa crise identitária, através de personagens reveladoras de identidades tão contraditórias e fragmenadas. Na *Varanda*, o revelador dessa crise é o próprio inspetor.

- *Você quer condená-los!*
- *Quero saber a verdade...*
- *Quer condená-los, sabe porquê? Porque você tem medo deles!*
- *Medo, eu?*
- *Sim, medo. Estes velhos são o passado que você recalca no fundo da sua cabeça. Esses velhos lhe fazem lembrar de onde vem...* (COUTO, 2007, p. 74, grifo do autor)

Ao ouvir as palavras da enfermeira, o inspetor começa a se sentir deslocado. Bonnici (2005) destaca que o deslocamento do sujeito se dá em ambiente diferente ao lugar de origem. Assim sendo, o lugar de origem representa um conjunto ambivalente de identidade e resistência. De tanto ouvir as histórias dos velhos, o inspetor passa a questionar a própria identidade e começa a sofrer com o peso da existência.

Agora, sentado junto à rebentação das ondas, o inspetor lembrava as palavras da enfermeira. E sorria. Quem sabe Marta tinha razão? Ele estudara na Europa, regressara a Moçambique anos depois da Independência. Esse afastamento limitava o seu conhecimento da cultura, das línguas, das pequenas coisas que figuram na alma de um povo (COUTO, 2007, p. 41-2).

Izidine, ao refletir sobre sua condição de estrangeiro, aproxima nossa análise das palavras de Bauman (2003) sobre a percepção da crise de identidade que se apodera do sujeito. Segundo ele, citando Martin Heidegger, essa percepção só acontece quando se foca o olhar; assim “[...] você só tende a perceber as coisas e colocá-las no foco do seu olhar perscrutador e de sua contemplação quando elas se desvanecem, fracassam, começam a se comportar estranhamente ou o decepcionam de alguma outra forma” (HEIDEGGER *apud* BAUMAN, 2003, p. 23).

A crise com a qual o inspetor passa a conviver é desencadeada na presença de Marta. A relação entre ele e a enfermeira pode ser inferida como uma representação, ainda que simbólica, do colonizador e do colonizado. Enquanto ele tenta impor o seu

estatuto de autoridade, sua hierarquia, ela tenta ajudá-lo a decifrar o mistério de sua crise.

- *Sabe o que deveríamos fazer agora?*
- *O que devíamos fazer?*
- *Sim, se fossemos seguidores da tradição, sabe o que fazíamos?*
- *Não faço idéia. Devíamos, sei lá, tomar banho?*
- *Devíamos fazer amor.*
- [...]
- *É pena o senhor não ser seguidor da tradição. É pena, não acha?*(COUTO, 2007, p. 59).

Silva (2000) aponta que identidade e diferença relacionam-se com classificações e que essas classificações dependem do ponto de vista. O inspetor não se considerava um estranho, ou alguém que não mantinha tradições. Ele não se sentia pertencente ao novo mundo para o qual todas as pistas o levavam.

A identidade e a diferença estão estreitamente relacionadas às formas pelas quais a sociedade produz e utiliza classificações. As classificações são sempre feitas a partir do ponto de vista da identidade. Isto é, as classes nas quais o mundo social é dividido não são simples agrupamentos simétricos. Dividir e classificar significa, neste caso, também hierarquizar. Deter o privilégio de classificar significa também deter o privilégio de atribuir diferentes valores aos grupos assim classificados (SILVA, 2000, p. 82).

O contato com os velhos do asilo levam o inspetor a questionar fazia sentido os depoimentos de cada um sobre a morte do diretor. A seu modo, cada um tinha uma justificativa para o crime. Assim, o mistério aumentava e, com ele, a angústia de Naíta. Marta tentava, a todo custo, convencê-lo de sua necessidade de reaprender a ouvir. Só assim seria possível encontrar o verdadeiro culpado.

O culpado que você procura, caro Izidine, não é uma pessoa. É a guerra. Todas as culpas são da guerra. Foi ela que matou o Vasto. Foi ela que rasgou o mundo onde a gente idosa tinha brilho e cabimento. Estes velhos que aqui apodrecem, antes do conflito eram amados. Havia um mundo que os recebia, as famílias se arrumavam para os idosos. Depois, a violência trouxe outras razões. E os velhos foram expulsos do mundo, expulsos de nós mesmos (COUTO, 2007, p. 121).

Para entender e aceitar que Marta tinha razão, Izidine teve que presenciar uma forte tempestade que ameaçava a fortaleza. Assim, juntando-se ao fantasma, que já desabitara seu corpo, e aos demais moradores do asilo, tentava se proteger e proteger a fortaleza.

E todos, velhos, Marta, Izidine e eu, nos juntamos sob a plataforma que ainda restava sobre as rochas, esse mesmo cais que eu carpinteara enquanto vivo. Aquela cobertura resistia e nos protegia da chuva e do fogo. A construção que fora concebida para servir para a matança de prisioneiros cumpria agora funções de ajudar meus companheiros vivos (COUTO, 2007, p141).

Segundo Bhabha (1998), o contato de um povo com o outro faz com que seus valores culturais sejam alterados. Percebendo que só seria possível decifrar os dois enigmas: o crime e a crise de identidade, através da reaproximação com sua cultura, seu povo e sua origem, o inspetor direciona a investigação para os aspectos humanos e históricos dos moradores do asilo. Dessa forma, reconstituiria, a um só tempo, o assassinato e sua história. “[...] a identidade só nos é revelada como algo a ser inventado, e não descoberto; como alvo de um esforço, ‘um objetivo’; como uma coisa que ainda precisa construir a partir do zero [...]” (BAUMAN, 2007, p. 21-2). Naíta precisava recomeçar do zero a sua investigação. Não a do assassinato, mas a procura pela própria identidade e, com a ajuda da enfermeira e do fantasma – que também precisava se retratar pelo passado de ausências – tenta resgatar alguns aspectos identitários do seu povo, tão bem guardados pelas lembranças dos velhos do asilo.

Heyraud (2004, p. 134) aponta que é preciso respeitar as crenças e tradições de cada povo, de cada lugar para que haja um “reconhecimento do conjunto das várias culturas”, no caso do romance, da cultura moçambicana. Quando o fantasma decide abandonar o corpo de Izidine e ganhar corpo próprio para ajudá-lo a escapar da tempestade que ameaçava a fortaleza, percebemos o momento de redenção do inspetor diante dos costumes de sua terra. Quando todos estão fora de perigo, o inspetor indaga:

- *Viram o helicóptero?*, perguntou Izidine, *excitado*.

- *Qual helicóptero?*

A velha feiticeira soltava as gargalhadas. Aquilo que o polícia tomava por máquina voadora era o wamulambo, a cobra das tempestades e todos juntaram risadas (COUTO, 2007, p. 142, grifo do autor)

Aqui percebemos que o inspetor, mesmo intrigado com os costumes e crenças do povo moçambicano, percebe que o labirinto de informações contraditórias com o qual se deparou – ao longo da investigação – na verdade era dentro dele que se formava e que, somente a partir dessa aceitação foi possível decifrar o mistério de sua crise e reencontrar o “prazer fantasiado de plenitude” (HALL, 1998).

4 A Nação moçambicana e a “identidade coletiva”

*Quando chegaste, mais velhos contavam estórias. Tudo estava no seu lugar. A água. O som. A luz. Na nossa harmonia [...] É certo que podias ter pedido para ouvir e ver as estórias que os mais velhos contavam quando chegaste! Mas não! Preferiste disparar os canhões*⁵.

Anderson (2008, p. 32) nos dá um conceito de nação como sendo uma “comunidade política e imaginada – e imaginada como sendo intrinsecamente limitada e, ao mesmo tempo, soberana”. Esse conceito é válido para que possamos entender como as nações são construídas. Ou melhor, como se constrói a identidade de uma

⁵ MONTEIRO, Manuel Rui. *Eu e o outro – o Invasor*, (apud CHAVES, 2005, p. 248)

nação. É pertinente que nos reportemos mais uma vez a Anderson para entender o que seria essa nação imaginada. Segundo ele, a nação é imaginada “[...] porque, independente da desigualdade e da exploração efetivas que possam existir dentro dela, a nação sempre é concebida como uma profunda camaradagem horizontal” (*ibidem*, p. 34). Seria então possível perceber esses aspectos em Moçambique? De que forma o romance em análise nos remete a esses conceitos tão caros à teoria pós-colonial? Chaves (2005, p. 248) nos aponta um provável resposta, ao afirmar que “no palco da colonização, os confrontos entre dois universos culturais, entre dois modos de ver e estar no mundo, foram constantes e assumiram, muitas vezes, a forma de conflito” e ainda: “[...] a vida sob o sol do colonialismo semeava contraste e barrava qualquer hipótese de aproximação entre os diferentes, tudo assentado num sistema complexo, que convertia a diferença em desigualdade e fortalecia o peso hierárquico de qualquer relação” (*ibidem*, p. 250).

A partir dessas informações, nos reportamos à *Varanda* para fortalecermos, com exemplos, os discursos teóricos. Se a literatura funciona como um espelho da história, então é possível que os reflexos da colonização e a conversão das diferenças em desigualdades sejam resultados de uma tentativa de Mia Couto em historicizar, pelo viés literário, o retrato de um país devastado pela guerra e pelos conflitos internos que se apoderaram dos sujeitos. Entender a nação moçambicana como uma comunidade em busca de uma afirmação nacional nos remete ao que Anderson defende, refletindo sobre a aristocracia francesa do *ancien régime*, como classe.

Segundo ele,

Imagina-se a nação *limitada* porque mesmo a maior delas, que agregue, digamos, um bilhão de habitantes, possui fronteiras finitas, ainda que elásticas, para além das quais existem outras nações. Nenhuma delas imagina ter a mesma extensão da humanidade. Nem os nacionalistas mais messiânicos sonham com o dia em que todos os membros da espécie humana se unirão à sua nação, como por exemplo na época em que os cristãos podiam sonhar com um planeta totalmente cristão (ANDERSON, p. 33-4, grifo do autor).

No livro *Mosaico de identidade*, no capítulo em que se analisa um dos romances de Mia Couto – *O último vôo do flamingo* – o autor levanta um questionamento: “A literatura pode, a partir de uma língua antigamente imposta num país, ajudar a reivindicar a afirmação da identidade deste último”? (HEYRAUD, 2004, p. 128). Para responder ao questionamento, ele fala em uma “identidade coletiva no contexto moçambicano”, identidade esta que identificamos também através do romance *A varanda do frangipani*.

De acordo com Zilá Bernd,

No que diz respeito à identidade coletiva, é preciso encará-la como um conceito plural [...], as identidades construídas por diferentes grupos sociais em diferentes momentos da sua história se justapõem para constituir um mosaico. As partes se organizam para formar o todo. (BERND *apud* HEYRUAD, 2004, p. 131)

Essas identidades plurais são percebidas no romance através das memórias dos velhos. Eles, os guardadores da tradição, são os únicos capazes de recontar, reconstruir

e compartilhar a história do país. Considerando as lembranças dos velhos como sendo primordiais para a compreensão do passado histórico de Moçambique, recorremos a Bosi, no sentido de entender a diferença entre lembrar e sonhar: “[...] um ancião não sonha quando rememora: desempenha uma função a qual está maduro, a religiosa função de unir o começo ao fim, de tranquilizar as águas revoltas do presente alargando suas margens” (BOSI, 1999, p. 82), mantendo a peculiaridade de ser o guardião das “histórias” de seu povo. Esse caráter de detentor da identidade dos velhos perturba o inspetor no sentido de que isto o aproxima de uma realidade que ele não queria aceitar como sua. Essa crise de identidade do personagem Naíta, estaria retratando o caráter de exclusão vivido pelos moçambicanos brancos, segundo Heyraud (2004). Ainda, segundo ele, Mia reconstrói bem esse aspecto por ser algo próprio de sua realidade.

Heyraud aponta ainda que “os acontecimentos referentes à guerras ocorridas em Moçambique fizeram com que o país perdesse pontos de referências históricas (idem, p. 133). Essa assertiva pode ser comprovada no trecho do romance em que a enfermeira tenta convencer o inspetor a mudar o foco de sua investigação.

A guerra criou um outro ciclo no tempo. Já não são os anos, as estações que marcam as nossas vidas. Já não são as colheitas, as fomes, as inundações. A guerra instala o ciclo do sangue. Passamos a dizer: ‘antes da guerra, depois da guerra’. A guerra devora os mortos e engole os sobreviventes (COUTO, 2007, p. 121).

A guerra, neste contexto, parece representar uma forte carga identitária da nação moçambicana, parece também nos fazer entender como se constrói a identidade nacional de um país fortemente marcado pela violência da colonização: “[...] todo movimento de aproximação do Ocidente com a África tem sido mediado pela violência e no sentido da diluição de suas referências” (CHAVES, 2005, p. 247). Ao se reportar a essa diluição, Chaves corrobora o discurso de Bauman (2003, p. 26) quando ele diz ser a ‘crise do pertencimento’ a responsável pela idéia da identidade. A tentativa de afirmar-se como nação leva o país a viver essa crise, marcada pela necessidade de “recriar a realidade à semelhança da idéia” e para isso, é necessário que se preservem as crenças e tradições do povo, como aponta Heyraud (2004).

Se entendermos esse ‘mosaico de identidades’ como representação cultural de um povo, entenderemos também as palavras de Gellner, (*apud* ANDERSON, 2008, p. 32): “o nacionalismo não é o despertar das nações para a autoconsciência: ele *inventa* nações onde elas não existem”. E se é possível *inventar* uma nação, é possível também entender que uma nação se constrói a partir de um coletivo. No romance em análise, recuperamos esse construir: Izidine Naíta, em contato com os moradores do asilo, reencontra sua pátria e (re)constrói sua identidade, a partir do contato que passa a ter com os velhos moçambicanos.

Assim, o livro reitera o discurso pós-colonial de nação e retrata também o sujeito desse período: “deslocado”, “desterritorializado” e “fragmentado” pela necessidade de afirmação, o que vem ratificar a idéia defendida pela personagem Marta: “a guerra engole os mortos e devora os sobreviventes” (COUTO, 2007, p.121), já que quase todas as histórias de independência de ex-colônias, como Moçambique, carrega em si um relato de violência física e, principalmente, cultural e ainda “um grito de guerra”, o que Mia Couto consegue ilustrar tão bem. Utilizando-se de vários recursos, como a carência de identidade individual, perceptível na obra, através do inspetor, consegue fotografar a

fragilidade identitária da nação moçambicana e a necessidade coletiva da extinção das rivalidades étnicas.

Considerações finais

Considerando as metáforas e as simbologias do romance, usadas por nós neste trabalho, como suporte para a compreensão da reconstrução de Moçambique, sentimos-nos invadidos por uma curiosidade significativa: entender como se constrói a identidade de uma nação. Assim, entramos no helicóptero do inspetor Izidine Naíta e nos dirigimos à isolada fortaleza de São Gonçalo, local construído para “servir a matança de prisioneiros” durante a guerra. Ouvimos atentamente os relatos dos velhos moradores do asilo e nos encantamos com a história de um povo que luta para manter as crenças e as tradições de seu país. Acompanhando a investigação de Naíta, descobrimos que o culpado pelo assassinato de Vasto Excelêncio (o diretor do asilo) não era uma pessoa e sim a guerra, fio condutor da construção identitária nacional de ex-colônias, como vimos no decorrer da análise.

Durante a investigação do assassinato, o inspetor sentiu-se tomado por outro mistério: a descoberta de sua identidade. Diante da diversidade dos signos culturais de Moçambique, ele percebeu que não eram os depoimentos dos velhos que o impediam de desvendar o crime, era sua necessidade de descoberta identitária. Invaso pela “crise de pertencimento” e sentindo-se deslocado, precisava (re)conhecer-se entre os moradores do asilo para então entender sua própria nacionalidade e assim sair do labirinto em que se encontrava.

Escolheu-se o recorte do contato entre o estrangeiro Izidine Naíte e os moradores do asilo, por considerá-lo um exemplo pertinente do viés de análise proposto. Entendemos que, optando por esse foco de leitura, reavivamos a teoria pós-colonial debatida em sala de aula durante os nossos encontros. Assim, conceitos como identidade nacional, nação, pós-colonialismo, dentre outros, ficam melhor entendidos porque foram exemplificados por um autor-sujeito pós-colonial, pertencente ao país do qual se fala no romance.

De qualquer modo, esse recorte não impede novos olhares sobre a obra. Fica a dica para novas pesquisas, para outros caminhos que ainda podem ser trilhados pela *varanda do frangipani*. Deixemos então para outros aventureiros interessados em acompanhar o inspetor pela metafórica reconstrução de Moçambique, afinal, seguindo as palavras de José Craveirinha: “É bom conhecer Moçambique de Norte a Sul e de Sul a Norte, pois são várias faces, as faces do meu país”. Assim, é possível dar continuidade aos estudos pós-coloniais sobre a identidade nacional moçambicana, abordando outros aspectos no romance. Compreendendo que as nações são comunidades imaginadas e que, por isso, podem ser inventadas onde não existem, há viabilidade em se mostrar Moçambique pelo espelho do frangipani. E se podem ser inventadas, essas comunidades também podem ser representadas, poeticamente, através de uma árvore e ter sua narrativa contada por um fantasma, como é o caso do romance analisado neste artigo.

Referências

- BHABHA, H.. **O Local da cultura**. Tradução: Miriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis e Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.
- BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade**: lembranças de velhos. São Paulo: Cia das Letras, 1999.
- BONNICI, Thomas. **Conceitos-chave da teoria pós-colonial**. Maringá: Eduem, 2005.
- CHAVES, R. **Angola e Moçambique**: experiência colonial e territórios literários. Cotia, São Paulo: Ateliê Editorial, 2005.
- COUTO, Mia. **A varanda do frangipani**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- CURY, M. Z. F.(org). **MIA COUTO**: Espaços ficcionais. Minas Gerais: Ed. Autêntica, 2008.
- HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Trad. Tomaz Tadeu da Silva, Guarreira Lopes Louro. 7 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.
- HEYRAUD, L. **A edificação da identidade nacional moçambicana em “O último vôo do flamingo” de Mia Couto**. In: DUARTE, M. B. B; MEDEIROS, J. L. (orgs). Mosaico de identidades. Curitiba: Juruá, 2004.
- LOOMBA, Ania. **Challenging colonialism**. In: Conialism/Postcolonialism. Ed. Routledge, 1998.
- SILVA, Tomaz Tadeu da. **A produção social da identidade e da diferença**. In: SILVA, T. T. (org.) **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis: Vozes, 2000.
- TUTIKIAN, Jane. **Velhas identidades novas**: O pós-colonialismo e a emergência das nações de língua portuguesa. São Paulo: Editora Sagra Luzzatto, 2006.